

» Do esquecimento impossível

No meu país, desde 1996, a memória de Antígona se faz presente a cada 20 de maio, data que reúne familiares de desaparecidos e todos aqueles que acompanham sua longa luta pela verdade, em uma passeata pela avenida 18 de Julho, em minha cidade, Montevidéu.

A passeata de 20 de maio é chamada também de Marcha dos Desaparecidos, em apócope da formulação original do grupo que a convoca: Mães e Familiares de Uruguaios Detidos Desaparecidos.

É uma passeata silenciosa – não é possível dizer o horror, uivo intraduzível que atravessa os corpos vivos que caminham levando cartazes com as fotos apagadas pelo tempo, opacadas pela injustiça.

Ao faltarem trezentos metros para que as primeiras filas de manifestantes alcancem o lugar marcado como meta, a multidão se detém. Por autofalantes, os nomes dos desaparecidos quebram o silêncio e, a cada nome, a multidão responde como uma só voz: “Presente”. Dos cartazes dos familiares, os rostos eternamente jovens interpellam o futuro que continuou sem eles.

Não é possível o descanso para quem em 40 anos não conseguiu saber como e onde morreram seus filhos, em que lugar estão os amados ossinhos que não puderam sepultar.

O trauma, que não pôde ser trabalhado pela memória, conserva o vigor desesperante do enigma, insiste: a repetição e a invariância da dor da perda fazem do dono da

lembrança incompleta, um prisioneiro. Com a potência da voz poética, Juan Gelman (2001) nos transmitiu, em sua imensa obra, com magníficos poemas, suas tentativas de tramitação do horror. Sua poesia ajudou muito na identificação com a intensidade da dor, a impossibilidade da resignação e o rastro do inelaborável que surge, com tom de cansaço e entrega, no poema “Regressos”:

*Así que has vuelto.
Como si hubiera pasado nada.
Como si el campo de concentración, no.
Como si hace 23 años
que no escucho tu voz ni te veo.
Han vuelto el oso verde, tu
sobretudo larguísimo y yo
padre de entonces.
Hemos vuelto a tu hijar incesante
en estos hierros que nunca terminan.
¿Ya nunca cesarán?
Ya nunca cesarás de cesar.
Vuelves y vuelves
y te tengo que explicar que estás muerto'
(p. 116)²*

A dor da perda se presentifica em múltiplas possibilidades de figuração e testa no limite a fortaleza psíquica de quem se vê obrigado a repetir a tentativa de processamento (“em estos hierros que nunca terminan”).

A humanidade chegou precocemente ao conhecimento dos limites da cordialidade e esse saber conduziu à elaboração de rituais da morte, em parte como reconhecimento do inevitável, e em parte como

consolo para os indivíduos que deviam continuar vivendo. A incompreensão da falta de sentido da existência favoreceu também à criação de deuses que sustentaram uma razão de ser. A vida e a morte se inscrevem, assim, no registro do sagrado. O respeito pela vida e pela morte, base de uma ética da existência, é o mais valioso constructo da humanidade. E a felicidade do início de uma vida se apoia em um ponto de desmentida necessário para a sobrevivência da espécie, já que a morte de outros inscreve em cada um o soar do próprio fim.

Para o trabalho do luto, que implica um duplo tecer do esquecimento (*esquecer* minha condição mortal enquanto sustento viva a memória do morto), os rituais mortuários cumprem papel como pilares auxiliares, apesar do terrível que possam ser as instâncias de despedida, os longos cerimoniais, os dias intermináveis, as agonias, a vontade de morrer.

“O ritual tem função de conexão”, diz Diana Sperling (17 de outubro de 2020). Lembrar, repetir, ritualizar permitem reforçar a fusão pulsional, a ligação favorecida pela libido. A ligação incerta, o mal ligado, o traumático que não pode ser metabolizado e coberto, tanto no que tange ao funcionamento psíquico como na concepção do funcionamento social, conformam o fora da norma, o que adoce ou o que determina uma forma de doença, individual ou social.

Nós, psicanalistas, sabemos da permanente recriação de novelas sem concluir, repetitivas ao mesmo tempo que originais, cada uma em sua particularidade e em sua dimensão abrangente, simbólica, nas que sustentamos a confusão entre sonho, lembrança e realidade.

A enganosa memória que enlouquece, manipulada pelo desejo, permite a escritura de intermináveis novelas que entretêm a vida com sua sementeira de dúvida.

As novelas neuróticas se parecem entre si, como os seres humanos – despojados da pretensão de ser únicos – nos parecemos. Em todos e em cada um assomam as temidas feras do ódio e da destrutividade, assim

como também a possibilidade de amar a outro ou a outros, às vezes tanto ou mais que a nós mesmos.

A novela própria, que dura o que dura a vida, tem muitas páginas irrelevantes, e as mais interessantes são sonhos dos que sempre restam dúvidas sobre a sua inteligibilidade.

E um contingente importantíssimo desses sonhos se perde por obra do esquecimento. Desaparecem como se nunca tivessem existido. Há palavras poéticas para essas ocasiões: “Y los sueños, sueños son...”³, e também: “La vida es sueño” (como as de Calderón dela Barca em *A vida é sonho*). Tantas vezes se lamentam os sonhos perdidos...!

O trauma social, em particular o produzido pela perseguição, prisão e tortura, assim como o desaparecimento e morte de seres queridos, determina uma obstrução para o ingresso do real acontecido na trama da fantasia. Diferentemente da traumática estruturante do psiquismo – consequência de formas particulares de integração do despertar pulsional, a sexualidade infantil e o impacto com o inconsciente que provém do outro e que pode se configurar em organizações da fantasia e da memória, móveis ao longo da vida –, o traumatismo social instala a morte no centro da psique, condenando o sujeito a uma revivescência sinistra permanente. A novela do trauma acontecido resiste à escritura psíquica, é como a dor da fome que desgarrar a carne, gira em turbilhões, impede o descanso, interrompe o sonho. Grita.

A vida dos familiares de desaparecidos evoca o gesto mítico de Antígona em sua icônica representação de tenacidade, piedade e entrega. Vidas longas em muitos casos, vidas impulsadas por um afincamento, movidos pela admiração, chamamos *infatigável*, mas esse termo expressa principalmente uma idealização, como é possível captar em “Regressos”, de Gelman (2001), ainda que também possamos entender desse poema que é uma imprescindível e dolorosa responsabilidade social manter presente a lembrança do trauma social vi-

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

1. O poema se refere ao filho do poeta, de 20 anos, sequestrado e desaparecido pela ditadura militar argentina em 1976. Em 1990 foram encontrados e identificados os restos de Marcelo Gelman, que tinha sido assassinado com um tiro na nuca.

2. N. do T.: Assim que voltaste / como se não tivesse acontecido nada / como se o campo de concentração não / como se há vinte e três anos / que não escuto tua voz nem te vejo / devolveram o urso verde tu / sobretudo longuíssimo e eu / pai de então / voltamos à tua presença incessante / nestes ferros que nunca terminam / nunca acabarão? Já nunca acabarás de cessar / voltas e voltas / e tenho que te explicar que estás morto” A tradução corresponde a Cruz, J. (2014, 15 de janeiro). O Poeta de olhos tristes. Em *El país*, Brasil. [Versão eletrônica] Recuperada em 7 de dezembro de 2020: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/15/cultura/1389747313_263552.html

3. N. do T.: “E os sonhos, sonhos são...”. Tradução de R. Pallottini. A tradução corresponde a De la Barca, C. (2009) *A vida é sonho*. (p. 75). São Paulo: Hedra. (Trabalho original publicado em 1636).



←
**El juego de las
 probabilidades**
 2007
 oscar Muñoz

vido, como ensinaram historicamente os coletivos de vítimas que puderam testemunhar sobre o acontecido.

Para que a memória da humanidade resgate uma aprendizagem dos acontecimentos e colabore na prevenção da repetição, é preciso extrair conclusões amplas, deduzir efeitos e sustentar relatos verídicos para as gerações posteriores. É sobre essa base de esperança que a justiça determina a não prescrição dos delitos de lesa-humanidade.

Ao contrário, tentar esquecer, *apagar* a memória da história, implicaria desmentir a possibilidade sempre ativa de que o mal – potencial humano – se organize, se coletivize e atue sob múltiplas bandeiras que podem construir as razões da força, o ódio e a cobiça: da purificação de uma raça, até a submissão a um deus perverso criado para ser obedecido.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1990). Duelo y melancolía. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas*. (vol. 14, pp. 235-255). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).
- Gelman, J. (2001). *Valer la pena: México 1996/2000*. Buenos Aires: Planeta-Seix Barral.
- Sperling, D. (17 de outubro de 2020). *Ritual*. Trabalho apresentado no 33º Congresso Latino-Americano de Psicanálise: Fronteras, virtual.

Calibán -
 RLP, 18(2),
 119-121
 2020

» Tornar visível nossa humanidade

Ane Marlise Port Rodrigues*

No atendimento de crianças, frequentemente, o tema do “esquecer–desaparecer” faz parte do brincar.

Brincando com os bonecos de pano que compõem uma família, uma criança inventa a personagem madrasta para depois fazê-la desaparecer: “Agora ela não está mais! Desapareceu!”

Havia colocado a boneca atrás de livros, de forma que não era mais visível. Na vida real, essa madrasta não permitia a presença da criança na casa onde morava com o pai dela e os filhos do casal. A criança não gostava da madrasta, não queria vê-la ou não queria ter de se ocupar dela. Assim, forçava seu *desaparecimento*. Tirar a madrasta de sua vista, era como tirá-la de sua vida.

A madrasta, por sua vez, demonstrava indiferença pelo sofrimento da criança e recusava qualquer tentativa de mudança. O pai era submisso às determinações da esposa.

À criança doía ser transformada em *invisível* sem lugar na casa do pai. Através do pensamento mágico, próprio da infância, do fantasiar e das brincadeiras, podia transformar o sofrimento a que era submetida em ação sob seu comando, com o poder de inverter a situação, fazendo desaparecer a madrasta. Assim, esquecia por um tempo sua dor.

O pensamento mágico, com sua onipotência, leva à realização de desejos, aumentando o que é sentido como prazer e diminuindo o desprazer. Também é uma forma de lidar com o desamparo psíquico

e material. Está muito presente na forma animista e religiosa do pensamento. Freud (1927/1974a) refere que as formas mais primitivas do pensar persistem por toda a vida, junto às formas mais evoluídas. O pensamento científico é aquele que mais leva em conta a realidade, sendo fundamental o seu predomínio para o equacionamento e resolução dos desafios que o viver no mundo nos traz.

As diferentes cosmovisões – animista, religiosa ou científica – serão utilizadas em maior ou menor grau segundo o que, para cada indivíduo, o salva de vivências de desamparo, de dor e de desespero, ou explica o sentido da vida.

Um intenso trabalho psíquico é requerido sempre que temos de lidar com aquilo que não podemos ser ou não podemos ter. Lidar com as angústias de castração e de incompletude é nosso desafio permanente.

O pensamento mágico é parte do processo de desenvolvimento do ser humano. Permanece em graus variados em todos nós, sendo combustível para a criação das brincadeiras, das invenções e dos mitos. Mas parece existir também uma espécie de pensamento mágico a serviço de uma lógica do mal. O mal colocado como busca da eliminação do outro, sua transformação em coisa, sem vida subjetiva, algo que pode ser tornado invisível pelo fato de não suportarmos sua presença. Podemos inclusive tornar invisível sua lembrança, esquecendo-o como

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.